

POLARIDADES ANTI-HUMANISTAS CONTEMPORÂNEAS

Paulo Ferreira da Cunha¹

Resumo: Testemunho em favor do Humanismo, e não dissertação dogmática e acadêmica em torno de conceitos e correntes que caudalosamente se reproduzem e digladiam, o presente texto pretende, em diálogo com fontes escolhidas, mas sem preocupações de bibliografia canônica, apontar apenas dois exageros simétricos de anti-humanismo contemporâneo: a passividade e a impetuosidade.

Palavras Chave: Humanismo, Anti-humanismo, psicopatologia do quotidiano, senectude, juventude, contemporaneidade, mitologias, massas, Iluminismo, Civilização.

Abstract: A testimony in favor of Humanism, and not a dogmatic and academic dissertation on concepts and groups that are extensively reproduced and conflicted, this text intends, in dialogue with chosen sources, but without concerns about canonical bibliography, to point out just two symmetrical exaggerations of contemporary anti-humanism: passivity and impetuosity.

Keywords: Humanism, Anti-humanism, everyday psychopathology, old age, youth, contemporary times, mythologies, masses, Enlightenment, Civilization.

*L'esprit faux est donc ici comme partout
un esprit sans courage.*

Alain²

*Pelo Sonho é que vamos,
comovidos e mudos.
Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não haja frutos,
pelo sonho é que vamos.*

Sebastião da Gama

I

Uma Opção Teórica e Vivencial Fundamental

Uma das expressões que anda muito confundida e pulverizada em polissemias nos tempos presentes é “Humanismo” e seus derivados, como, desde logo, “Humanista” (que será quem defende ou pratica o Humanismo) e

¹ Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça. Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (em licença para o exercício da magistratura).

² ALAIN — *Éléments de philosophie*, nova ed., Paris, Gallimard, 2020, p. 231.

“Anti-Humanismo”, que, de algum modo, representará a antítese ou o contrário de “Humanismo”. Desde logo, não se pode confundir Humanismo com humanidade³ ou com humanitarismo⁴. Trata-se de uma posição teórica (que evidencia toda uma *Weltanschauung*), não de uma atividade prática.

Rios de tinta se consumiriam a precisar (ou meramente a glosar) estes conceitos⁵. Não podemos deixar-nos apanhar por esse terrível enleio, essa sinistra armadilha da tentação erudita e opinativa (da simples $\delta\omicron\zeta\alpha$), que seria de todo imprestável para esta nota inicial, apenas de precisão de ideias muito gerais e muito simples, se formos ao coração das coisas. Frequentemente, em vários domínios, como, por exemplo, no jurídico, utilizam-se conceitos simples e “operacionais” de Humanismo, e com muito êxito, na qualidade das sínteses e na capacidade de se fazer entender. É o caso, por exemplo, desta passagem de Stamatios Tzitzis:

“Entendons l’humanisme dans son expression la plus simple: le respect de l’homme et la recherche de son bien-être. Dans un sens beaucoup plus étendu, l’humanisme atteste l’amour de l’espèce humaine. Il s’ensuit que l’humanisme doit cultiver la clémence, la tolérance et la générosité”⁶.

Atribui-se a Jules Renard a consideração de que “a clareza é a delicadeza do Homem de Letras”. Outros usam a variante “filósofo”. Seja como for, em temas como os que circundam este nosso, não parece haver excessiva polidez, porque a clareza é muito frequentemente obnubilada por

³ ALAIN — “l’Humanité”, in *Propos de...*, ed. Paris, Gallimard, Col. La Pléiade, I, 1956, p. 1149 ss.

⁴ Uma brevíssima e direta abordagem pode colher-se em ANTUNES, Manuel — *Humanitarismo*, in “Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura”, Lisboa / São Paulo, Verbo, vol. X, 1977, col. 612. O mesmo se diga, de resto, de outros artigos em torno da temática do Humanismo. Faltando, evidentemente, a atualização das evoluções e das polémicas, entretanto profusamente ocorridas.

⁵ Cf., *inter alia*, uma positiva tentativa de síntese no respetivo verbete de LALANDE, André — *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*, Paris, PUF, trad. port. de Fátima Sá Correia, Maria Emília V. de Aguiar, José Eduardo dos S. Torres e Maria Gorete de Sousa, coord. de António Manuel Magalhães, *Vocabulário – técnico e crítico – da Filosofia*, Porto, Rés, s.d., 2 vols., vol. I, p. 567 ss..

⁶ TZITZIS, Stamatios — *Humanisme politique, Humanitarisme penal postmoderne*, “Revue pénitentiaire et de droit pénal”, 2011, n.º 4 (outubro-dezembro), p. 977.

densos circunlóquios, excursos, e cerrados neologismos, além de uma sintaxe nem sempre amiga do leitor. Uma das áreas conexas (e reflexas) com este nosso problema é a da complicação ética, que contribuiria ainda mais para muita insegurança e errância no plano moral, se as pessoas normais, confusas e desamparadas, lessem os estudos complexíssimos e pouco conclusivos (sabe-se que a questão é difícil, mas nada pode deixar de ser traduzido em linguagem acessível, sem vulgarização). A clareza teórica ética (além da estética, da gnoseológica, etc...) é imprescindível para uma sólida e descomplexada atitude humanista e humanística⁷. Embora se reconheça que há perigos que espreitam essa *démarche*. Nomeadamente, no plano moral (mas não só): “When we look for moral clarity, what we often get is kitsch”⁸.

Podemos quedar-nos, todavia, para o que nos importa, restritamente com as mais simples noções⁹. E utilizando a genuinidade, a sinceridade direta do ensaio. Poderíamos, muito mal comparando, e se não fosse enorme atrevimento, colocar-nos à sombra da modéstia metódica de Ortega quando explicou as suas *Meditações do Quixote*:

⁷ Interessante é, assim, o título (e o subtítulo) de NEIMAN, Susan — *Moral Clarity. A Guide for Grown-Up Idealists*, Londres, Vintage Books, 2009. É aliás um contributo afirmativo e, *lato sensu*, iluminista, logo, de uma forma de humanismo.

⁸ NEIMAN, Susan — *Op. cit.*, p. 432.

⁹ O que foi formando a nossa noção de Humanismo foram obras como: BONNOT, J. — *Humanisme et Pléiade*, Paris, Hachette, 1959; MAGALHÃES GODINHO, Vitorino — *Identité Culturelle et Humanisme Universalisant*, Lisboa, Instituto Português de Ensino à Distância, 1982; MARTINS, José V. de Pina — *A 'Utopia' de Thomas More como texto de Humanismo*, separata especial do tomo XXI, Lisboa, 1980, das “Memórias da Academia das Ciências de Lisboa”, *Classe de Letras*, pp. 7-48; CEREJEIRA, Gonçalves — *O Renascimento em Portugal. Vol. II. Clenardo, o Humanismo e a Reforma*, nova ed., Coimbra, Coimbra Editora, 1975; CORTESÃO, Jaime — *O humanismo universalista dos portugueses: a síntese histórica e literária*, Lisboa, Portugália, 1965 (VI vol. das Obras Completas). E obviamente também HEIDEGGER, Martin — *Brief über den Humanismus*, trad. cast. de Helena Cortés / Arturo Leyte, *Carta sobre el Humanismo*, 2.^a reimp., Madrid, Alianza Editorial, 2001; CHOZA, Jacinto — *Los otros Humanismos*, Pamplona, EUNSA, 1994. Mais técnica e situadamente no Direito, GOMES DA SILVA, Nuno Espinosa — *Humanismo e Direito em Portugal no século XVI*, Lisboa, 1964; TRIGEAUD, Jean-Marc — *Humanisme de la Liberté et Philosophie de la Justice*, Bordeaux, Bière, I, 1985; 2, 1990; COTTA, Sergio — *El Derecho en la existencia humana*, trad. cast., Pamplona EUNSA, 1987; AYRES DE BRITTO, Carlos — *O Humanismo como Categoria Constitucional*, Belo Horizonte, Forum, 2007; e o nosso *Direito Fraternalista. Novo Paradigma Jurídico*, Rio de Janeiro, G/Z, 2017. Noutros horizontes epistémicos, v.g., WIND, Edgar — *The Eloquence of Symbols: Studies in Humanist Art*, 2.^a ed. rev., Oxford, Oxford University Press, 1993; PANOFSKY, Erwin — *Estudos de Iconologia. Temas Humanísticos na Arte do Renascimento*, 2.^a ed., Lisboa, Estampa, 1995.

“Sin embargo, yo agradecería al lector que no entrara en su lectura com demasiadas exigências. No son filosofía, que es ciencia. Son simplemente unos ensayos. Y el ensayo es la ciência, menos la prueba explicita”¹⁰.

É evidente que as grandes e empoladas ideias sobre o Homem, a sua “natureza”¹¹, a sua excelência, a sua própria ipseidade, têm sido abundante e exasperadamente postas em causa. Poderá mesmo dizer-se que o Homem é um animal que não apenas se questiona: além do mais ele a si mesmo se agride, se tem pretendido aniquilar, e, pior ainda, dilacerar e rebaixar – humilhar mesmo. É certo que, em muitos aspetos, o reconhecimento de traços muito negativos no plano ético como os da opressão e da exploração entre as pessoas, da sua aparentemente inevitável agressividade (a níveis inimagináveis de crueldade na guerra ou na tortura) e proprietarismo (como enfatizado pela etologia), e a sua errância e fragmentaridade¹² ou disjunção (falta de consistência), ou a sua redução à mera linguagem, ou uma intrínseca evanescência (*contradictio in terminis?*) ao sabor das pressões das circunstâncias (mais que as de Ortega¹³ as dos choques elétricos de Klein¹⁴), são alguns aspetos demolidores (agora alinhados de forma impressionista e muito lacunosa) do antigo e mui venerável monumento da razão humana à Humanidade: uma Humanidade que a si mesma se glorificou, e em grande medida engrandeceu, porque engalanou, mistificou, enganadoramente idealizou...

¹⁰ ORTEGA Y GASSET, José — *Meditaciones del Quijote*, Madrid, Publicaciones de la residencia de estudiantes, 1914, p. 32.

¹¹ V., *inter alia*, MORIN, Edgar — *O Paradigma Perdido. A natureza humana*, trad. port. de Hermano Neves, Mem-Martins, Europa-América, 1975. Discutindo o problema no plano da jurisprudência, já o nosso *O Ponto de Arquimedes. Natureza Humana, Direito Natural, Direitos Humanos*, Coimbra, Almedina, 2001. V. ainda AA.VV. — *La fin des certitudes. De Sénèque à Edgar Morin. Philosophie. Sciences. Littérature. Politique. Morale, Economie*, número monográfico de ML, n.º 312, julho-agosto 1993. A relação entre natureza humana e Direitos Humano é para muitos essencial. Cf., a este propósito, PERRY, Michael J. — *Are Human Rights Universal? The relativist challenge and related matters*, “Human Rights Quarterly”, 1997, 19, 3, p. 461 ss..

¹² Desde logo, v. FARIA COSTA, José Francisco de — *O Direito, a Fragmentaridade e o Nosso Tempo*, Porto, s/e, 1993.

¹³ ORTEGA Y GASSET, José — *Meditaciones del Quijote*, cit., p. 34 ss, máx. pp. 42-43.

¹⁴ KLEIN, Naomi — *The Shock Doctrine. The Rise of Disaster Capitalism*, Metropolitan Books, 2007.

A questão não nos parece ser de simplesmente reconhecer o postiço, o falso, o retórico, o pomposo, o retocado, o obnubilado e escondido... O problema, na sua radicalidade – e que tem imensidão de consequências práticas – é saber se queremos assumir o projeto de uma esperança na construção de uma Humanidade positiva, afirmativa e eticamente reta, com a rejeição implícita de tudo o que na História foram páginas negras, como é óbvio, ou se preferimos o pessimismo mais ou menos derrotista ou *blasé* intelectualista, que pode estar cheio de razão nos mil e um alçapões dos recuos e manchas na caminhada civilizatória, mas de que só poderá sair autoflagelação ou até nem isso. De forma mais ou menos real, mais ou menos metafórica, a posição contrária à filosofia (ou ideologia, admitamos, sem complexos) humanista, ou seja, o antihumanismo, é um cinismo, um pessimismo corrosivo, ou mesmo um suicídio.

Dir-nos-ão que o Humanismo é uma ilusão, uma fraude, uma quimera, uma utopia. Uma alienação até. Mas... *Pelo sonho é que vamos* – dizia o sem dúvida plácido e cândido poeta Sebastião da Gama, cujo *Diário* deveria ser leitura obrigatória para a entrada no magistério¹⁵. E é pelo sonho que vamos. O Homem é, antes de mais, o nosso sonho. Há sempre um mito do Homem¹⁶. Não no-lo façam o nosso pesadelo. Por muitas páginas de que nos não orgulhemos na nossa aventura no Mundo, uma coisa é radicalmente descremos de nós ou mesmo nos sentenciarmos negativamente, e outra coisa é a aposta na perfetibilidade da Pessoa humana. Cremos na Humanidade, apesar de tudo. Outros dela radicalmente descreem, ainda que possam admitir um ou outro aspeto positivo. São duas posições radicalmente opostas, e com consequências abissalmente contrárias. Como, juntando as duas questões (crença na Humanidade e seu mito) colocou o problema o sempre arguto Alain: “La faute de jugement est donc de ne pas croire à l’humanité. Le plus beau mythe est celui d’Hercule (lembremo-nos, interpolamos agora nós, das suas

¹⁵ GAMA, Sebastião — *Diário*, nova ed., Ribeirão – V. N. de Famalicão, Húmus, 2023.

¹⁶ Cf. achegas e contributos, v.g., ARCHER, Luis — *Mito Humano e operacionalidade científica*, in "Brotéria", n. 120, 1985, pp. 363-383; BAGOLINI, Luigi — *Mito y Cultura en la Tradición y en el Proyecto social*, in "Humanitas", n.º 21, 1980, pp. 229 ss.. E, mais em geral, de entre multidão, CAILLOIS, Roger — *Le mythe et l’homme*, Paris, Gallimard, 1938, trad. port. de José Calisto dos Santos, *O Mito e o Homem*, Lisboa, Edições 70, 1980.

enormes, diversificadas e elevadoras tarefas), voilà le modele que l’homme s’est donné, et ce compagnon rassure dans le sens plein du mot.”¹⁷

Sem entrar no altíssimo e minuciosíssimo pormenor dos “cortes de cominhos” teóricos (como diria Bacon¹⁸), quando falamos em anti-humanismo estamos a pensar na descrença profunda e no ataque afinal a este bípede implume, à sua capacidade e ao seu destino. Inegavelmente também somos “bípede implume”, mas mais que “ridiculíssimo herói”, somos aquele ser que, não se resumindo a anjo nem a besta, assume a sua por vezes angustiada situação¹⁹, sempre com a saída da luta e da esperança²⁰: uma aventura, que está implícita na *dignitas* da Pessoa²¹. A excelência, ou a virtude (não ousemos dizer nada parecido com “perfeição”, que é categoria para outras esferas do Ser) tem de constituir um horizonte de possibilidade, pelo esforço e pela perseverança²². Haverá que superar o abaixamento “naturalista”:

“Visto em Jardim Zoológico, o homem é o vivente menos garboso, menos digno, porque tudo nele é estudo e artifício, mais reles de caráter e estupidamente emproado. A menos que seja o estafeta batendo a palmilha a pé, o carregador que vai no seu calvário, o caçador de monte ou o caçador de fêmea, é feio, gebo, sem sentido, absurdo dentro das pantalonas,

¹⁷ ALAIN — *Éléments de philosophie*, cit., p. 232.

¹⁸ BACON, Francisco — *Ensaio*, trad. portuguesa de Álvaro Ribeiro, 2.^a ed., Lisboa, Guimarães, 1972.

¹⁹ KIERKEGAARD Soeren — *Traité du désespoir*, trad. do dinamarquês por Knud Ferlov e Jean-J. Gateau, Paris, Gallimard, 1949 (1.^a ed. 1849).

²⁰ BLOCH, Ernst — *Das Prinzip Hoffnung*, Frankfurt, Suhrkamp, 1959.

²¹ Cf. LOBATO Abelardo — *Dignidad y aventura humana*, Salamanca - Madrid, San Esteban - Edibesa, 1997; MELENDO, Tomás — *Más sobre la dignidad humana*, in “Cuadernos de Bioética”, vol. VIII, n.º 32, 4.^a, 1997, p. 1480 ss. Juridicamente, por todos, CARDOSO DA COSTA, José Manuel M. — *O Princípio da Dignidade da Pessoa Humana na Constituição e na Jurisprudência Constitucional Portugueses*, Separata de *Direito Constitucional. Estudos em Homenagem a Manoel Gonçalves Ferreira Filho*, coord. de Sérgio Resende de Barros e Fernando Aurélio Zilveti, São Paulo, Dialética, 1999; BARCELLOS, Ana Paula — *A Eficácia Jurídica dos Princípios: O Princípio da Dignidade da Pessoa Humana*, Rio de Janeiro, Renovar, 2002; JACINTHO, Jussara Maria Moreno — *Dignidade Humana. Princípio Constitucional*, Curitiba, Juruá, 2006. Em relação com os Direitos Humanos, por exemplo, RENAUD, Michel — *A Dignidade do ser humano como fundamento ético dos Direitos do Homem* – II, in “Brotéria”, 148 (1999), n.º 423-438.

²² Cf. CAEIRO, António — *A Areté como Possibilidade extrema do Humano*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002.

amarrado pela gravata que não tem explicação, erguido no chapéu, e ultra-ridículo, debaixo do halo jactancioso de racional”²³.

No presente texto, limitamo-nos a dois dos múltiplos elementos de que se compõe a ampla frente de arietes anti-humanistas nos nossos dias. São, como é comum, dois vícios de pensamento (opção) e ação (prática) simétricos: um pecando por defeito (a passividade) e outro por excesso (a impetuosidade). No primeiro, a pessoa desiste, ou quase desiste, de si, da vida e do mundo. No segundo, pretende engolir, sofregamente, este mundo e o outro, numa sede de vivência e de afirmação, que obviamente leva à perdição de si e da noção do real, além de uma desequilibrada relação com os outros.

Talvez o primeiro possa padecer do pecado da acídia²⁴. O segundo certamente está possesso da dança de São Vito, a hiperatividade de alguns consumidores de psicotrópicos estimulantes. Naturalmente, uns e outros não conseguirão encarar o mundo como ele é... nem a si mesmos. Sendo que a primeira obrigação e atividade do pensamento reflexivo (que alimenta a atividade informada e consciente) é a velha divisa do frontão do templo de Delfos: γνωθι σεαυτόν.

Mas mais ainda que conhecer-se, o essencial é ser-se capaz de se construir, de se aperfeiçoar. Porque mesmo a obra divina é inacabada, e necessita da colaboração da Humanidade. Admitamos que os anti-humanismos demolidores e autopunitivos teriam completa razão. Que o Homem é um canalha, uma fraude ou uma aberração inconsistente. Mesmo contra essa verdade (que o fosse), preferiríamos a esperança de contra ela tentar contribuir um pouco mais para que o Homem pudesse vir a regenerar-se. E mesmo que tal fosse impossível, só a tentativa já teria valido a pena. Porém, tudo isso seria na

²³ RIBEIRO, Aquilino — *Mónica*, p. 221, *apud* CRAVEIRO DA SILVA, Lúcio — *Ensaios de Filosofia e Cultura Portuguesa*, Braga, Faculdade de Filosofia, 1994, p. 232.

²⁴ LAUAND, Jean — *O Pecado Capital da Acídia na Análise de Tomás de Aquino*, in “Videtur”, São Paulo / Porto, CEMOROC – FEUSP, Mandruvá, IJI – FDUP, n.º 28, 2004, pp. 35-62. Ed. online: <http://www.hottopos.com/videtur28/ljacidia.htm> (ultimamente consultada a 4 de maio de 2024).

hipótese de os antihumanismos estarem essencialmente certos²⁵. Consideramos, ao invés, que não partimos de tão baixo, e que estão, no essencial, errados, embora obviamente digam coisas muito inteligentes e outras muito acertadas e verdadeiras. Algumas tristemente verdadeiras. Só que toda essa imensidão de argumentos é lateral à grandeza da Humanidade e à sua tendência, apesar de tudo, para o Bem, o Belo, o Justo e o Verdadeiro.

II *Passividade*

Começando da quietude para a ação, a primeira questão a analisar (ou, pelo menos, a considerar) terá que ser necessariamente a da passividade. Ela é o repouso, enquanto a ação é o movimento. Presume-se que no início está o primeiro, e só depois o segundo, por um hábito mental que não saberemos explicar senão, certamente, com algum recuo ao Génesis. A atividade demiúrgica exerce-se sobre a quietude. “Faça-se a Luz e a luz fez-se...”²⁶ – é esse o modelo que certamente interiorizamos e reproduzimos mesmo sem disso nos darmos conta. Mas numa civilização (numa alternativa versão de “humanidade”) com outras narrativas das origens, poderia ser inversamente. Por exemplo, enfatizando a ordem que se cria(ria) a partir do caos (*ordo ab chao*). Curiosamente, há uma outra fórmula nestas narrativas das origens que acaba por poder aproximar uma *démarche* mental da outra: quando se diz que a

²⁵ Não olvidamos que, tal como relativamente a muitos outros conceitos ou “marcas” culturais e menos culturais até, existem verdadeiras alergias ou implicações com o Humanismo. Pode-se ser muito humano, humanitário, solidário, defensor dos Direitos Humanos e possuir muitas virtudes dos humanistas, e, contudo, não gostar da expressão (ou mesmo achá-la vaga, não técnica, não rigorosa). Normalmente é proscrita ou criticada por causa de uma conotação com idealismos ou outras “superestruturas” “burguesas” e afins. E por, em geral, se negarem, contra o humanismo, os seus pressupostos antropológicos, considerados essencialistas, ontologistas, ou metafísicos, pela crença num modelo ou paradigma de “Homem” ou “Humanidade”. Ainda por se gostar de acentuar um lado menos consensual ou falsamente consensual do “humanismo” de “linha branca”. Mas há também variedade de anti-humanismos, como de humanismos. Cf., desde logo, os humanismos racionalista, existencialista, marxista e cristão em ETCHEVERRY, Auguste — *O Conflito Actual dos Humanismos*, 2.^a ed., trad. de M. Pinto dos Santos, Porto, Tavares Martins, 1964.

²⁶ Gén. I, 3: “*dixitque Deus fiat lux et facta est lux*”.

Luz surge das trevas (*lux ex tenebris*²⁷) por um lado recordamos o *fiat lux*, mas, por outro, as trevas remetem para o caos primordial...

Passividade não se confunde com docilidade (*docilitas*), que implica ligação de servil aquiescência com um Senhor. A dialética do “Senhor e do escravo” é certamente dos traços psicossociais mais fundos e perturbadores da nossa espécie. Sobretudo perturbará depois de todas as emancipações entretanto operadas durante séculos, século após século, a começar na filosófica helénica, na jurídica romana e na filosófico-religiosa cristã e passando, com particular relevo, pela kantiana – que proclamou uma saída da menoridade.

Mas recordemos que essa oposição fundamental entre senhor e escravo está sediada desde logo em Hegel²⁸, que é ulterior (assim como outros que glosaram o tema, como Sartre, Lacan, Habermas...). Ou seja, em termos grosseiros, poderá dizer-se que o *sapere aude* de Kant não foi escutado²⁹:

“Aufklärung ist der Ausgang des Menschen aus seiner selbstverschuldeten Unmündigkeit. Unmündigkeit ist das Unvermögen, sich seines Verstandes ohne Leitung eines anderen zu bedienen. Selbstverschuldet ist diese Unmündigkeit, wenn die Ursache derselben nicht am Mangel des Verstandes, sondern der Entschliebung und des Mutes liegt, sich seiner ohne Leitung eines andern zu bedienen. Sapere aude! Habe Mut, dich deines eigenen Verstandes zu bedienen! ist also der Wahlspruch der Aufklärung.”³⁰

²⁷ Não confundir com *lux in tenebris*, que além de ser o lema de múltiplas universidades, remete para Jo. I, 5.

²⁸ HEGEL, G. W. F. — *Fenomenologia do Espírito*, 5.^a ed. port., trad. de Paulo Meneses, com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado, SJ, Petrópolis / Bragança Paulista, Editora Vozes / Editora Universitária São Francisco, 2008, máx. p. 147 ss..

²⁹ KANT, Immanuel — *Was ist Aufklärung?*, trad. cast. de Agapito Maestre y José Romagosa, *Qué es Ilustración ?*, Madrid, Tecnos, 1988; HEGEL, G. W. F. — *Op. cit.*, p. 372 ss.. Cf., desde logo, FOUCAULT, Michel — *Qu'est-ce que les Lumières*, in «Magazine Littéraire», n.º 309, abril 1993, p. 61 ss.

³⁰ Apud <http://www.prometheusonline.de/heureka/philosophie/klassiker/kant/Aufklärung .htm>

Ainda hoje muitos de nós não o querem escutar. E dir-se-ia que cada vez mais vai alastrando a nuvem do obscurantismo...

Embora tudo tenha que ser visto em termos hábeis. E se bem que de forma alguma seja de embarcar nas catilinárias anti Iluministas dos nossos tempos de latente ou já efetivo revanchismo e retrocesso civilizacional, e, pelo contrário, louvar as defesas das Luzes³¹, não pode deixar de se registrar uma prevenção, já contemporânea do testemunho do autor da *Crítica da Razão Pura*, a de Mendelssohn (em setembro de 1784). É interessante que no artigo sobre o “Iluminismo” das novas “mitologias” contemporâneas (para recordarmos a obra de Barthes³²) dado à estampa por Éric Cobast, *Les 100 mythes de la culture générale*, se refere uma prevenção a ter em conta. Não sabemos se o que se passa hoje é direta consequência do “abuso das Luzes”, ou de falta delas, ou se de uma mescla de excesso e de defeito (por exemplo, a tríade iluminista da Revolução Francesa – *Liberté, Égalité, Fraternité* – nunca se cumpriu, e sobretudo a Liberdade se usou contra a Igualdade, esta contra aquela, e a Fraternidade foi, em regra, a grande ausente³³). Mas fica o registo, até para ponderação ulterior: “l’abus des Lumières affaiblit le sens moral, conduit à la dureté, l’égotisme, l’irréligion et l’anarchie”³⁴.

Alain sintetizou admiravelmente a questão da dialética do “Senhor e do escravo”, em algumas das suas observações sobre o filósofo de Estugarda: “Les hommes ne pensent presque que maître et serviteur; c’est par cette double

³¹ Cf., por todos, PINKER, Steven — *Enlightenment Now*, Viking, Penguin, trad. cast. de Pablo Hermida Lazcano, *En Defensa de la Ilustración. Por la razón, la ciencia, el humanismo y el progreso*, Barcelona, Paidós, 2018. V. ainda o nosso livro *Vontade de Justiça. Direito Constitucional Fundamentado*, Coimbra, Almedina, 2020, Prefácio de Luiz Edson Fachin, p. 153 ss..

³² BARTHES, Roland — *Mythologies*, Paris, Seuil, 1957, ed. port., *Mitologias*, trad. de José Augusto Seabra, Lisboa, Edições 70, 1978.

³³ Muito eloquentemente, DEBRAY Régis — *Le moment fraternité*, Paris, Gallimard, 2009. V. ainda, por exemplo, RESTA, Eligio — *Il Diritto Fraternal*, Roma / Bari, Laterza, 2002; AYRES DE BRITTO, Carlos — *Teoria da Constituição*, Rio de Janeiro, Forense, 3.^a reimp. da 1.^a ed., 2006; Idem — *O Humanismo como Categoria Constitucional*, Belo Horizonte, Forum, 2007; e o nosso livro *Direito Fraternal Humanista. Novo Paradigma Jurídico*, Rio de Janeiro, G/Z, 2017.

³⁴ COBAST, Éric — *Les 100 Mythes de la Culture Générale*, 3.^a ed. atualizada, Paris, PUF, 2022, p. 100.

méditation que la civilisation est faite.”³⁵. Vale a pena ler todo o trecho... Assim como outros comentadores³⁶.

O escravo pode não ser dócil (como se sabe, houve históricas revoltas de escravos – quem não se lembra, por exemplo, de Spartacus?), mas é muito frequente que o seja. Nunca compreenderemos completamente o mistério e a ironia profunda daquela passagem de Rousseau, no *Contrato social*: “escravos vis sorriem com ar de troça à palavra Liberdade”³⁷. Mais que dóceis esses escravos (e tantos são) encontram-se integrados e convencidos, e adversos dos que pensam em liberdade e em libertação. Na caverna, acariciam as suas cadeias.

Mas nem todos são dóceis ou rebeldes em todos os aspetos da vida. Há os que contrastam até uns aspetos com outros, conforme os terrenos ou tabuleiros em que jogam. Por exemplo: o diretor do jornal oposicionista da Ilhéus de Jorge Amado, em *Gabriela*, parecia ser uma pessoa dócil no trato quotidiano, mas crescia em revolta nos artigos incendiários que publicava – o que lhe valeu incorrer na retaliação dos poderes instituídos, cujo patriarca era o coronel Ramiro Bastos³⁸.

Muitas pessoas atentas, veneradoras e obrigadas para com os poderosos, ricos, famosos e outros da “mó de cima” de um certo momento e situação sociais, vingam-se em representantes de estratos sociais mais desfavorecidos ou de algum modo marginais. Seja pela violência, segregação, desprezo, evitamento, seja pela condescendência, ou mesmo “caridadezinha” pela qual consolam os seus “egos” e não raro (se não sempre) humilham os beneficiários das suas ações assistencialistas ou afins.

A marginalidade tem muitos rostos. Em geral associamo-la a algum ou alguns daqueles fatores de desigualdade social constantes do artigo 13.º da Constituição da República Portuguesa. Uma interpretação extensiva desse

³⁵ ALAIN — *Idées. Introduction à la philosophie*, nova ed., Paris, Flammarion, 1983, p. 206 ss..

³⁶ Cf., v.g., KOJÈVE, Alexandre — *Introduction à la lecture de Hegel*, Paris, Gallimard, 1980; TINLAND, Olivier — *Hegel. Maîtrise et servitude*, Paris, Ellipses, 2003.

³⁷ ROUSSEAU, Jean-Jacques — *Du contrat social*, III, 12: “ (...) de vils esclaves sourient d'un air moqueur à ce mot de liberté.”

³⁸ Cf. o nosso “Gabriela, o Direito e o Poder”, in *Filosofia Jurídica Prática*, Belo Horizonte, Forum, 2009, p. 325 ss..

artigo, em especial do seu n.º 2, permite ir muito longe, e incluir grupos nem sempre considerados como desfavorecidos ou vítimas de segregação ou preconceito ao menos.

Um desses grupos é (por paradoxal que pareça – porque normalmente se vê sempre este problema do ponto de vista da privação, do lado negativo) o dos intelectuais. Não, evidentemente, os intelectuais-estrelas, que são partícipes (por vezes apesar deles próprios) da geral sociedade do espetáculo. Mas dos intelectuais proletários, que têm dificuldades e ideais, e projeto de vida. Que verdadeiramente sofrem por entenderem muito e não terem poder sobre nada (como terá dito um autor helénico). Uma espécie de novos bodes expiatórios³⁹, *sui generis*, de hoje.

Há inegavelmente um carácter exógeno, estrangeiro e algo sobranceiro das pessoas ditas comuns ou normais vis-à-vis aqueles que, destacando-se intrinsecamente da massa (embora possam não ter notoriedade social nenhuma, e menos ainda mediática), pretendem pronunciar-se com propriedade e uma *auctoritas* que vem do estudo e do saber (e antes de mais da *prudencia*), sobre a “ordem de trabalhos” das coisas e das lides do pensar e mesmo do organizar a Pólis: os intelectuais, ou, se preferirmos, os “filósofos”. Ou então esses legisladores ignorados (ou desprezados) do mundo, como disse Shelley, os poetas (v. *A Defense of Poetry*). A velha etimologia da palavra poeta equiparava-o ao criador, e todas essas categorias (filósofos, intelectuais, poetas) são verdadeiramente criadores, ou seja, são capazes de acrescentar algo ao dado.

Em geral, apelidar alguém de qualquer desses três epítetos não é simpático. Um filósofo, um intelectual ou um poeta, na linguagem corrente, sobretudo na linguagem corrente maledicente (que é muito comum), não são gente que se recomende. Claro que pode haver em relação a eles alguma complacência, mas pouco mais. A ideia é a de que não são capazes de tratar ou gerir bem a sua vida, caem a poços ainda que possam prever eclipses, em geral não têm sentido prático, e Sócrates não soube defender-se em tribunal. Crítica corrente e popular ao filósofo teórico e incapaz de ter sucesso em coisas que importam, mesmo vitais para si, que aliás Platão, com ironia trágica, chegará a

³⁹ Cf. o clássico GIRARD, René — *Le Bouc Emissaire*, Paris, Grasset, 1982.

registar no seu *Górgias*, colocando na boca de Cálicles (personagem, aliás, de existência histórica controversa: mas o que interessa é a sua função no diálogo) as seguintes palavras:

“Na verdade, meu caro Sócrates [...] não te parece vergonhoso comportares-te como, na minha opinião, te comportas, assim como os que, além de ti, sempre aprofundam mais e mais a filosofia? Agora [...] supõe que, apoderando-se de ti ou de algum dos teus pares, vos arrastavam à prisão, arguindo-vos culpados de um crime que não haveríeis jamais cometido, não sabes tu bem que serias incapaz de te livrar da situação? Mas não! a vertigem apossar-se-ia de ti; tu aí estarias, boquiaberto, sem encontrar que dizer; e, no dia em que te apresentasses na barra do tribunal, deparando diante de ti com um acusador cheio de malquerença e de perversidade, tu serias condenado à morte, se fosse do seu desejo pedir a morte para ti. Que sabedoria é contudo essa, Sócrates? uma arte que, uma vez tendo tocado com a sua mão um homem bem dotado naturalmente, o tornou pior? que o tornou tão impotente para a si próprio se socorrer como para salvar dos maiores perigos quer a si mesmo quer a pessoa de outrem? exposto a ser, pelos seus inimigos, esbulhado de tudo o que possui? a viver desprezado no seu país? [...]”⁴⁰

Dóceis em mil e uma coisas, tantos opinadores de café são implacáveis para com os filósofos (e, em geral, para com todas as pessoas de cultura e de pensamento, tolerando apenas a cultura de massas, o espetáculo vulgarizado e vulgarizador, de entretenimento apenas, e duvidoso). Uma minoria apenas aprendeu ou interiorizou, sabe-se lá porquê e como (vontade de ser como eles?) a veneração para com quem pensa, critica, cria. Dóceis, pois, um punhado, para

⁴⁰ PLATÃO — *Górgias*, 486 b)-c), trad. nossa a partir da fr. de Léon Robin (PLATON — *Œuvres complètes*, vol. I, Paris, Gallimard, 1950, p. 430).

com o Pensamento e os seus representantes. Os que jamais abdicam da sua certeza impulsiva e egocêntrica, constitutiva da sua agenda pessoal de preocupações e metas, são as gentes “normais”, fortes com os fracos e fracas com os fortes. Indóceis, pois, com os também indóceis com os preconceitos, os dogmas, a lhaneza e dureza da realidade.

Porque, não haja dúvidas, os criadores, os pensadores, os analíticos, não são complacentes para com o real. Trespagam-no com os seus instrumentos científicos, uns, e outros, mais cruéis ainda, mesmo sem bisturis, telescópios e microscópios atiram-se à vida, ao mundo, às coisas, à sociedade, impiedosamente. Para conhecerem, antes de mais, e para transformarem. Ou, pelo menos, elaborarem programas de transformação, que outros, mais fazedores, deveriam colocar em prática.

A verdade é que os planos para mudar o mundo e refazê-lo raramente encontram obreiros que sejam eficientes. É um outro problema, esse drama do bíblico rei Nemrod ou Nimrod (e há ainda outras variantes na grafia do nome), associado ao mito da torre de Babel⁴¹, que corresponde a uma espécie de refrangência da ação humana, em muitos casos condenada a não atingir os objetivos que se propõe: há uma película clássica em que esse rei caçador, do alto da torre, pretende ferir os céus com a sua flecha; mas eis que um pássaro recebe o projétil, impedindo-o, assim, de concretizar os seus intentos.

Parece haver uma reação das pessoas e das coisas que se negam a seguir as ideias e as palavras. Por isso, talvez, o descrédito deste último par de realidades. Os que se jactam de ser práticos acham que não se vai lá com palavras, e decerto nem com muitas ideias. *Res, non verba* é o seu lema.

É assim interessante concluir que a docilidade excessiva, e até de princípio, face à força das coisas, ao mundo como ele é dado, leva a uma passividade em relação às grandes mudanças, mas, em contrapartida, lança os dóceis numa correria infernal, para acudir a pequenas coisas do dia-a-dia. São hiperativos, mas passivos. A sua passividade é a sua filosofia de base. Não querem nada mudar. E para isso esfalfam-se em vidas não conscientes, não significativas, e normalmente sem grandes recompensas duráveis. Já, em

⁴¹ Gén. XI, 1-9.

contrapartida, os que não se vergam à realidade, que não se conformam com o que vêm, com o que é e sempre terá sido, podem também ter de viver vidas agitadas, mas recolhem recompensas mesmo de agruras e contrariedades. A sua indocilidade não é passividade.

III

Impetuosidade

Sabido é generalizadamente que, com o decorrer do tempo, e o aumentar da idade, as pessoas em geral (afora alguns casos muito particulares e em aspetos específicos da vida de certos) se vão acrescentando em mal-estar, em inadaptação social (desde logo face à crescente tecnocracia e burocracia, para que nenhuma juventude nem formação estão preparadas), doença, e conseqüente irritação e mau humor. Assim se engendram mil e uma queixas e se passa a ver cada vez mais o mundo de soslaio. Passa a viver-se na recordação de um passado mitificado, que não houve sequer, por incomodidade com o mundo e consigo mesmo no aqui e agora.

Em todos os tempos e lugares (salvo quiçá algum paraíso perdido idílico e utópico) os mais velhos costumam ser (com algumas exceções muito raras e honrosas, queremos crer que em casos de pessoas com uma constante atividade criativa – ainda que possa ser só criativa relacional, como a de administração empresarial ou política: e mesmo assim nem sempre), demasiado implicativos, repetitivos e caturras.

Nestas coisas, o melhor é olhar em volta, e comparar. Embora teimemos em achar que há quem mantenha sempre o espírito jovem. Recordamo-nos de alguns casos de pessoas que não se conformavam com *clichés* de invalidez e inatividade.

Notamos cada vez mais que velhos e doentes são grupos crescentemente segregados e não apenas esquecidos socialmente como, para muitos, uma espécie de lepra que se deseja esquecer, tapar, ocultar – talvez

porque lembram com demasiada eloquência o plausível fim de todos nós⁴². Recordo pessoalmente que já na minha juventude alguns colegas se sentiam incomodados com a simples presença de pessoas idosas. Como se a idade fosse uma doença que se propagasse pela proximidade, e pior ainda: chegavam a, implicitamente ao menos, como que a culpabilizar os mais velhos, sobretudo quando com dificuldades de orientação, expressão ou locomoção, pelo seu estado físico e o importunar da fluidez do trânsito ou da simples vida social em geral. Como se eles tivessem alguma culpa ou algum gosto no seu estado ou forma física e mental. É verdade, todavia, que algumas pessoas de alguma idade (assim como alguns jovens doentes ou afins) por vezes (eventualmente com frequência) se aproveitam da solicitude de outros (família, amigos, cuidadores, empregados) para exagerar as suas exigências, normalmente retirando prazer especial dessa atenção que permanentemente requerem, ou das tarefas complexas que reclamam. Uma passagem imperdível da implicância de uma senhora de idade que realmente comete o pecado da gula nem comendo demais, pelo contrário, mas infernizando empregados de mesa, pode ler-se nas

⁴² É consideravelmente raro, numa situação social corrente, ouvir-se falar na degenerescência da condição humana, em sequência de senectude e doença. É até para nós espantoso o à vontade com que familiares próximos de alguns padecentes (mais que simples pacientes – e por vezes não o podem ser, *proprio sensu*) se lhes referem, como “trambolhos” ou “pesos mortos”, e afins mimos verbais designatórios da sua incapacidade e sobretudo inexpressividade na contabilidade feroz da produção e do ganho – que é isso que move muita gente, mesmo alguma que o parece superficialmente esquecer, ou até o nega. E chega a ser arrepiante como esses lests e práticos familiares obtêm imediatamente nos terceiros a quem confessam, com prática desenvoltura, o seu exausto cansaço, uma espécie de beneplácito (ou *carte blanche*) para que se livrem do fardo. Nunca vimos tão fácil elogio da eutanásia ou do suicídio assistido (e afins – porque, em rigor, as categorias são várias), como na boca de um martirizado observador, e durante uns minutos apenas, pelos relatos dantescos de um familiar cuidador de alguém muito doente e pouco válido ou autónomo. Assim, as grandes questões filosóficas parecem eclipsar-se ante a premente necessidade de acabar com um diálogo importuno. Que para mais coloca a possibilidade plausível de quem ali é um terceiro, vir um dia a ter de experimentar quer as penas do doente, quer as do cuidador. Não consultamos, nem indagamos, nem procuramos imaginar sequer as possíveis crenças religiosas dos intervenientes nestas conversas. Hão de ser naturalmente diversificadas. Hoje (pelo menos hoje) admite-se tranquilamente, cada vez mais, e até ultrapassando limites de lógica e de ética, uma fé dominical e uma fé semanal muito pouco concordes entre si. E com esta separação, que lembra a dicotomia concordante de Sigério de Brabante, tudo parece ficar em paz... Cf., sobre essa dupla crença, HUXLEY, Aldous — *Proper Studies*, trad. port. de Luís Vianna de Sousa Ribeiro, rev. de Maria Eduarda e José Neves, *Sobre a democracia e outros estudos*, s.l., Círculo de Leitores, s.d. Sobre a dor, na sua clave própria, são sempre interessantes as revisitações de LEWIS, C. S. — *The Problem of Pain*, reed., Londres, William Collins, 2015 (1.ª ed. 1940); COIMBRA, Leonardo — *A Alegria, a Dor e a Graça*, in *Obras de...*, Porto, Lello e Irmão, 1983, I vol. Sobre a questão da eutanásia em particular (e afins), cf. o nosso artigo *De Vida ou de Morte. Reflexões Intempestivas*, no prelo no Brasil.

cartas de um diabo ao seu sobrinho, de C. S. Lewis. Vale a pena saborear a um pouco longa citação:

“Glucose has this old woman well in hand. She is a positive terror to hostesses and servants. She is always turning from what has been offered her to say with a demure little sigh and a smile “Oh please, please . . . *all* I want is a cup of tea, weak but not too weak, and the teeniest weeniest bit of really crisp toast”. You see? Because what she wants is smaller and less costly than what has been set before her, she never recognizes as gluttony her determination to get what she wants, however troublesome it may be to others. At the very moment of indulging her appetite she believes that she is practicing temperance. In a crowded restaurant she gives a little scream at the plate which some overworked waitress has set before her and says, “Oh, that’s far, far too much! Take it away and bring me about a quarter of it”. If challenged, she would say she was doing this to avoid waste; in reality she does it because the particular shade of delicacy to which we have enslaved her is offended by the sight of more food than she happens to want.

The real value of the quiet, unobtrusive work which Glucose has been doing for years on this old woman can be gauged by the way in which her belly now dominates her whole life. The woman is in what may be called the “All-I-want” state of mind. *All* she wants is a cup of tea properly made, or an egg properly boiled, or a slice of bread properly toasted. But she never finds any servant or any friend who can do these simple things “properly”— because her “properly” conceals an insatiable demand for the exact, and almost impossible, palatal pleasures which she imagines she remembers from the past; a past described by her as “the days when you could get good servants” but known to us as the days when her senses were

more easily pleased and she had pleasures of other kinds which made her less dependent on those of the table. Meanwhile, the daily disappointment produces daily ill temper: cooks give notice and friendships are cooled. If ever the Enemy introduces into her mind a faint suspicion that she is too interested in food, Glubose counters it by suggesting to her that she doesn't mind what she eats herself but "does like to have things nice for her boy". In fact, of course, her greed has been one of the chief sources of his domestic discomfort for many years."⁴³

Também há, pois, casos de pessoas que nos merecem o maior respeito, que têm evidente dignidade, mas que abusam e chegam a ser exasperantes. Há-as em todas as idades e condições (nomeadamente de saúde), mas precisamente pode ocorrer que exagerem sabendo da solitudine dos demais. E evidentemente vem ao espírito o exagero simétrico, mas muito similar, das exigências inimagináveis de crianças mimadas, que hoje são, ao que parece, cada vez mais. E com verdadeira tirania sobre os pais, ao ponto de haver escritos de "defesa" destes...

De qualquer forma, os casos pessoais só importam na medida em que possam aqui ajudar à visão panorâmica geral, à teoria. Levarão alguns à conta da idade (e do que ela acarreta) uma sensação crescente de que estamos a regredir hoje em alguns aspetos, para além sempre do *brave new world* das invenções e descobertas. As quais, contudo, deveriam concentrar-se mais em aspetos de alerta vermelho, como a emergência climática e tudo o que envolve, as epidemias e pandemias, etc. A ciência e a tecnologia podem ajudar muito nestes problemas materiais. Infelizmente, nos gravíssimos problemas sociais e políticos, só de forma indireta... É, contudo, evidente que uma superioridade tecnológica militar pode fazer mudar a sorte das armas em conflitos potencialmente globais, e tal não pode ser descurado. Não comandando tudo,

⁴³ LEWIS, C. S. — *The Screwtape Letters. Letters from a Senior to a Junior Devil*, reimpr., Londres, William Collins, 2016 (1.ª ed. 1942), p. 87-89 (capítulo 17).

essas alavancas possantes do material são essenciais e podem tornar-se absolutamente decisivas.

Alguns dos pequenos e grandes problemas quotidianos de hoje seriam inimagináveis apenas há alguns anos atrás.

As mudanças são a todos evidentes, e cremos que ninguém as negará. Evidentemente, desde logo, estão as que decorrem da complexificação social, com a necessária intervenção alargada de máquinas omnipresentes – como, desde logo, os telemóveis e os computadores (que hoje se hibridizam aliás). Mas não só. Há algumas regras elementares de comportamento que os mais velhos sentem estar a faltar. E são uma subtil tecnologia que não se compra...

Antes de mais, estamos com um enorme *deficit* de boa educação. A boa educação tem uma função relacional, mas também uma função estruturante da personalidade e do equilíbrio e harmonia de cada um. Muitos acham que se deve ser educado por causa dos outros, mas antes de mais é por uma razão própria, pessoal e egoística que se tem de ter maneiras e o que lhes preside – que é uma moderação e razoabilidade, uma ponderação, que antes de mais contribui para o equilíbrio e felicidade pessoal.

Todos sabemos que há algumas regras elementares de comportamento social que os mais velhos, que se habituaram a outras normas, que cresceram noutra ambiente (e isto por toda a parte, independentemente dos regimes políticos – é importante não fazer confusões aqui), sentem até amargamente estar muito a faltar.

Não serão mais que um decálogo de maneiras, mas fazem realmente muita falta. Não se trata, no caso, de caturrice. São facilitadores do trato e acolchoadores dos conflitos sociais.

Antes de mais, dizíamos, um mínimo de boa educação, que já começa a faltar muito em pessoas não propriamente jovens, que relaxam os seus velhos hábitos de cordialidade, lisura, atenção ou presteza, etc.

Vejamos meia dúzia: não tomar ou sequer tocar sem licença em nada de alheio e menos ainda apossar-se definitivamente e com ânimo de propriedade.

Não é só regra de cortesia⁴⁴, é mesmo crime esse esbulho. Do mesmo modo, e pela mesma ordem de ideias, qualquer tipo de agressão ou contacto físico não consentido livremente pode ser ofensa corporal, ou manifestação de assédio, etc. Também estamos no terreno criminal, para coisas graves. Mas há níveis intermédios, em que certas pessoas abusadoras resolvem exprimir-se, importunando os outros com palmadinhas nas costas, nos ombros, ou até na face, murros ainda que suaves nos braços, no peito, ou no estômago, um sem número de manifestações de intromissão na esfera física pessoal dos outros, ainda que com pretensões de camaradagem ou quiçá carinho (?).

Também se manifesta profusão do emprego de palavras ofensivas (objetivamente ofensivas) e de baixo calão como se fossem meramente senhas de cumplicidade, ou até simples vocativos banais. Vistos de longe a falar entre si, alguns grupos de jovens, fariam “a sailor blush” (como diria o especialista Prof. Henry Higgins do *Pigmaleão* de Oscar Wilde⁴⁵), tal o à vontade com que não só proferem palavrões de mau gosto, a torto e a direito, como se tratam entre si com outros palavrões⁴⁶. E esta banalização do desrespeito não terá consequências? Será apenas a nova moda, que terá vindo para ficar? Quando crescerem, estes jovens, muitos deles de excelentes meios e famílias, com estudos, mais que promissores, vão continuar assim? Ou acontecer-lhes-á o que alguns virão para a indumentária dos estudantes de Direito, que se formaliza ao

⁴⁴ De há muito que alguns autores deploram o abatimento dos costumes (diz-se que já vem de velhos papiros do Antigo Egito, que verberam os jovens e seus modos novos). Não se deve confundir essa crítica saudosista com uma reflexão sociológica com interpretação das implicações das mudanças para a dinâmica social. E depois há derrapagens e mutações semânticas. Ver a origem de algumas expressões desse outro “léxico da simpatia” (e da “ordem social”), que pode ajudar a compreender o sentido de algumas mudanças além das simplesmente linguísticas. Cf., por exemplo, esse percurso sócio linguístico em LOPES RIBEIRO, António – “A Abolição da Etiqueta”, in *Aspectos do nosso Tempo. Anticoisas e telecoisas*, Porto, Figueirinhas, 1963, p. 113 ss.

⁴⁵ WILDE, Oscar — *Pigmaleão. Romance em cinco actos*, trad. port. de F. de Mello Moser, Lisboa, Verbo, 1972. A reverência ao ruborescimento hipotético do marinheiro é patente na versão cinematográfica, numa canção entoada pelo especialista em fonética. *My fair lady*, George Cukor, USA, 1964.

⁴⁶ O problema deve ser realmente sério (é efetivamente muito sério, apesar das avestruzes), e ter chamado a atenção, porque é expressamente tratado em recente manual de boas maneiras, e com muito sucesso editorial: Cf. MENEZES, Maria Saraiva de — *O Pequeno Livro da Etiqueta e Bom Senso*, 16.^a ed. atualizada, Alfragide, Dom Quixote, 2023, p. 116, dizendo, nomeadamente: “Em primeiro lugar, ser estudante é um privilégio social. Não se vitimize. Respeite professores, colegas e funcionários. (...) Não diga palavrões. Não agrida fisicamente os professores. Respeite a hierarquia. Nunca insulte os colegas e muito menos os professores. (...) Não ameace o professor. Comporte-se na sala de aula. (...)” (sublinhados nossos).

máximo (com fato e gravata e *tailleur* discreto) quando passam aos estágios profissionais, numa verdadeira metamorfose?

Ao mesmo tempo que há em alguns casos este grave excesso de intimidade (mas é ainda mais que isso), parece igualmente verificar-se um distender das relações, com pouco respeito pela comunicação com os demais: não resposta a contactos (cartas então raramente recebem resposta; já mesmo muitos adultos mais que feitos deixaram de agradecer postais de boas festas e até livros académicos que se lhes mandam pelo Correio). Talvez apenas os telefonemas, SMS e mensagens de WhatsApp resistam. Esses parece que ainda são respondidos...

Outro elemento de desprendimento social revela-se nos cumprimentos. É, desde logo, o chegar e partir sem saudar ninguém, a saída frequentemente “à francesa”. Ao ponto de haver organizações que obrigam já a códigos de saudação, parece que nem sempre primorosamente educados, mas pelo menos um começo – por exemplo, ao que parece, obrigando a cumprimentos pessoais à entrada no trabalho, mas apenas a saudação geral à saída...

Acresce o desuso do desculpar-se, ou então a utilização de um trivializado pedido de desculpas (como fórmula mágica não sentida) como espécie de borracha universal capaz de apagar, sem mais, qualquer erro ou mesmo agressão ou ofensa. Diz-se um “desculpe /a”, e tudo regressaria ao *statu quo ante*. Não se nega que possa ser prático, sobretudo evitando (se for mesmo eficaz, quando o seja) épicas querelas e zangas, que envenenam amizades, colaborações e famílias... Mas não será demasiado simples? Seja como for, muito em regra anda o não se importar com o mal feito, e culpar até aqueles a quem se prejudicou. A comunicação social está cheia de notícias de *venire contra factum proprium*, de fazer o mal e a caramunha, quer ao nível da sociedade civil (na sua versão escandalosa, de tabloide), quer ao nível político. E isso já não choca ninguém. Não sabemos se ainda cansará sequer.

Outra falta muito corrente hoje em dia é o agradecimento. Não apenas o imediato, como consequência de uma simpatia, de uma atenção, de uma distinção, de um obséquio, mas também o de fundo. As pessoas não estão a ser gratas. Esquecem rapidamente os professores que os educaram ou ilustraram,

os médicos e enfermeiros que os curaram, os comerciantes que os ajudaram a encontrar casa, mobília, e continuam a ajudar a que escolham roupa, calçado, os barbeiros e cabeleireiros (e outros) que se esmeram para que apareçam com bom ar, enfim, os profissionais, que, nem por serem pagos (e às vezes até perdoam os seus honorários ou os baixam), menos merecem reconhecimento. Para não falar da família (desde logo pais e irmãos) e dos amigos. Há muitas pessoas que parecem, ao invés, irritadas por quanto devem, realmente, de apoio, carinho, e concretas dádivas aos seus mais próximos. Que nutrem uma impaciência e até uma animosidade para com os parentes mais chegados (há pais que amargamente choram a incompreensão e até a brusquidão no trato por parte dos filhos, quando não mesmo o total ou quase total afastamento – deve ser uma mágoa terrível), e nem sempre conseguem disfarçar uma espécie de inveja ou competição com os ditos amigos, muitas vezes a quem muito devem. É sabido que, por exemplo, quando se empresta dinheiro a algum amigo, se perde frequentissimamente quer o dinheiro quer o amigo. E, ainda por cima, alguns, mais refinados, apregoam que a relação de mútuo teria ocorrido ao contrário, sentindo-se muito prejudicados com o alegado incumprimento por parte dos credores, que afiançam ser devedores...

Há aspetos mais pequenos e laterais da convivência que, não sendo em si mesmos de enorme relevância, todavia são pedras de toque reveladoras do descaso que as pessoas nutrem umas pelas outras.

Um deles é a falta de frequência, ainda que meramente de amabilidade mínima, logo que cessam as razões imediatas de alguns contactos. As relações não duram, a convivência (aparte alguns amigos inseparáveis – que também duram o que duram) parece vogar ao acaso, logo se dissipando com o termo de um interesse concreto imediato, ou de uma frequência comum de escola, ou emprego ou projeto comum. Ou seja, as relações deixam de ser pessoais para ser meramente sociais, e determinadas pela álea de uma vida social cada vez mais evanescente e frenética.

Outro traço dos tempos atuais é a perda da conversa, o seu declínio até à rarefação. Quem quer perder tempo a conversar? Note-se que se fala muito. Mas é um falar de função fática da linguagem, em que cada qual parece

meramente assinalar a presença, sem colocar no que diz a sua personalidade nem procurar pensar ou problematizar. Grande parte das não-“conversas” (basta sentarmo-nos num café ou tomar um transporte público em que haja troca de palavras) incidem sobre informações concretas, vaidades e o seu rol de “sofrimentos”, rasteiros comentários desportivos e cada vez mais raramente políticos (com bastante irritação e ódio), muita maledicência com, não raro, boa parte de intriga.

A conversa elevada decai, e, evidentemente, deixou de se ter a amabilidade (em alguns casos, mesmo, a caridade) de “fazer conversa” (como de “fazer sala”) com quem, por qualquer motivo, fica dependurado numa situação de fria solidão, apenas com um interlocutor possível, mas mudo. Num ambiente de espera, numa receção em que não conhece ninguém, até numa boleia de automóvel... Há pessoas que não sentem a menor necessidade de dirigir uma palavra a quem está consigo. Evidentemente, já se tornou normal esse mutismo num transporte público de rápido trajeto ou num elevador. Mas saber que se vai estar em frente a alguém um bom par de horas e não ser capaz de falar do tempo, ao menos, é de uma frieza, de uma crueldade sem nome. O problema é que talvez nem seja isso: deve ser apenas embotamento, insensibilidade. Ou total falta de assunto. Há ainda, felizmente, alguns jovens que se queixam de “falta de assunto” dos namorados e namoradas. Será um bom sinal?

Além da boa educação, presente em casos como os apontados, há normas de simples sobrevivência que não estão a ser observadas, o que é, no mínimo, deveras estranho. Parece que há momentos em que as sociedades desenvolvem comportamentos suicidários...

Uma dessas situações é a forma como muitas pessoas andam nas ruas. Ao ponto de passar a ser perigoso ser transeunte. Sobretudo no caso de pessoas idosas, com dificuldades de locomoção, etc. Mas em geral todos se encontram doravante em risco.

Parece que ou o cidadão normal (não precisa de ter qualquer *handicap*) instala em si um retrovisor e triplica ou mais a atenção ao simplesmente andar tranquilamente pelos passeios, ou corre sério risco de chocarem consigo

peessoas que andam de forma errática, fantasista, imprevisível. A verdade é que essas pessoas, preocupadas apenas consigo mesmas, abstraem completamente do facto de que estão a passar por outras, que também se movem. É estranho que não haja mais acidentes com veículos motorizados.

A verdade é que andar na rua para um simples peão passou a ser um contorcionismo de ziguezagues para evitar choques. E por vezes tal ocorre em centros comerciais e repartições públicas. Não é o estar “debaixo de telha”, como se dizia antes, que protege alguém destes *ballets* perigosos.

Estamos absolutamente convicto, porém, de que haverá pessoas que nunca isto experimentaram. Tiveram sorte.

Este tipo de comportamento no mero andar na rua parece-nos ser sinal de uma generalizada impetuosidade, simétrica da aludida passividade. Impetuosidade que radica no individualismo radical, sem olhar para o lado, sem olhar o rosto do outro, ou sequer dar pela sua presença.

Aos passivos da massa, os *slogans* de autoajuda e similares foram e vão martelando que sejam “pro ativos”. Bastaria que fossem ativos. Mas a novilíngua gosta de nos trocar as voltas com novas expressões que conotam a correção política e social e excluem quem não as use. As massas, assim, lá interpretarão, quando nisso pensem (mas as massas são grandes consumidoras de receitas de sucesso – e docilíssimas quanto às suas prescrições), que o sinal do empreendedor, do de sucesso, será certamente o andar aos repelões, para a frente e para a ré, para os lados e sabe-se lá em que rodopios. Desde que seja de forma convicta e forte, dinâmica e decidida, o mundo está na sua mão.

Sintomático que a impetuosidade seja não verbal, e a docilidade também. Uma agitada, a outra como que confinada. Ambas no fim de contas silenciosas (a agitação é faladora, mas não diz nada), porque ambas negação da Humanidade plena e saudável, que tem a Palavra justa, sinal de reto Pensamento, como o seu veículo e o seu símbolo.

Como aparentemente sempre, a virtude encontrar-se-á no meio termo⁴⁷: nem a sofreguidão cega (entre o mutismo e o falador sem nexos e interesse) da impetuosidade, nem a ausência dolente (normalmente lacónica ou muda) da passividade. Há que reencontrar além do mais a beleza do equilíbrio, entre o repouso e o movimento. Esse resgate da beleza⁴⁸ é-o também das relações saudáveis entre as pessoas, não apenas as interpessoais, microsociais, como as macrosociais. A democracia é também uma questão estética, além, obviamente, de ser um imperativo ético.

Recebido para publicação em 04-05-24; aceito em 07-05-24

⁴⁷ ARISTÓTELES – *Ética a Nicómaco*, trad. port., prefácio, notas e glossário de António de Castro Caeiro, 1.ª ed. especial, Lisboa, Quetzal, 2024; ILIOPOULOS, Giorgios — *Mesotes und Erfahrung in der Aristotelischen Ethik*, in *φιλοσοφία*, n.º 33, Atenas, 2003, p. 194 ss..

⁴⁸ Muito eloquentemente, cf. BARILIER, Étienne – *Réenchanter le monde. L'Europe et la beauté*, Paris, PUF, 2023.